O LABIRINTO LISBOETA: REVISITANDO A CIDADE NO ROMANCE *HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA* (1989), DE JOSÉ SARAMAGO

Ariane de Andrade da Silva (UERJ)[1]
Cláudia Maria de Souza Amorim (UERJ)

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do romance *História do cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago, buscando analisar de que formas a cidade de Lisboa é revisitada. No romance, tentaremos destacar a existência de cercos amorosos, marcados, nomeadamente, pelas personagens Maria Sara e Raimundo Silva. Para tanto, acompanharemos tais personagens em suas deambulações pela cidade, num processo que transcende a Lisboa física e atual e alcança um percurso histórico e memorialístico. Finalmente, fomentaremos uma reflexão sobre como a cidade reconstruída/relida através da literatura.

Palavras-chave: Lisboa; Cidade; Memória; Cerco amoroso

> A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p.7)

Ler a cidade. Escrever a cidade. Em *As cidades invisíveis* (CALVINO, 1990), o imperador Kublai Khan, diante da impossibilidade de conhecer seu território por completo, delega a Marco Polo a missão de percorrer as cidades sob seu domínio e contar-lhe as suas impressões sobre cada uma. Assim, nessa obra, Ítalo Calvino traça o percurso de um viajante que guiado pelo desejo, ainda que de seu soberano, deambula e perde-se pelas cidades. Ao tentar perceber a essência dos lugares por onde passa, Marco Polo cria, com seus relatos de viagem, uma cartografia própria do espaço tornando-se, desse modo, leitor-escritor de cidades simbólicas, geometrizadas à mercê de sua apreensão.

De modo semelhante a Marco Polo, isto é, movidos pelo desejo, os personagens do romance *História do Cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago, se propõem a reler

[1] Graduação, em modalidade sanduíche, em Letras-Literaturas, UFRRJ - UC (Universidade de Coimbra, Portugal). Mestranda em Literatura Portuguesa, UERJ. Contato: arianeandrade1991@yahoo.com.br

a cidade de Lisboa por diferentes caminhos. No romance, a cidade é apropriada por óticas que estão, sobretudo, interessadas em remontar, reconstruir Lisboa, motivadas por suas paixões, a partir de fragmentos de história e memória. Nesse sentido, o que este artigo propõe é uma leitura do romance de Saramago, buscando analisar de que formas a (re)leitura da cidade de Lisboa se submete à deambulação de personagens pelos variados caminhos que traçam.

Na narrativa, Lisboa transforma-se em um corpo convidativo, que se quer explorado, em que os labirintos de Lisboa, são a metáfora de uma cidade-escrita enviesada, em que Saramago, através da ficcionalização e subversão de discursos tradicionais portugueses, guia o leitor a um determinado momento histórico. Dessa forma, afirma-se que a narrativa demonstra que "ler a cidade consiste não em reproduzir o visível, mas torná-la visível" (GOMES, 1994, p.34) e, desse modo, o leitor-espectador viaja ao lado de personagens que flanam por uma Lisboa histórica, labiríntica e fragmentada. Em concomitância, nessa análise, busca-se destacar a existência de cercos amorosos, marcados, nomeadamente, pelas personagens Maria Sara e Raimundo Silva. Para tanto, acompanharemos tais personagens em suas deambulações pela cidade, num processo que transcende a Lisboa física, vemos a construção de uma cidade-escrita em palimpsesto, pois, ao percorrer a história, sobressalta-se uma cidade em camadas, fundida entre passado e presente e, finalmente, relida, por um olhar memorialístico enamorado.

Lisboa outra, infinitamente: *História do Cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago

> (...) é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, quem em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer foi que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto assim passou a ser verdade(...). (SARAMAGO, 1989, p. 44)

Iniciada com uma discussão entre um autor e um revisor, é no surpreendente gesto do personagem Raimundo Silva, que o enredo da obra *História do Cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago ganha outra tonalidade. Na narrativa, a proposta de revisão do

discurso histórico, alçada por Saramago, consubstancia-se no ato de negação dos fatos elencado pelo personagem-protagonista Raimundo Silva, que fica estupefato diante do que considera um disparate, o fato de que "*em quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontra um fato novo, uma interpretação polêmica, um documento inédito, sequer uma releitura. Apenas mais uma repetição das mil vezes contadas e exaustas histórias do cerco*" (SARAMAGO, 1989, p. 35). Assim, ao inserir um "Não" na narrativa de um outro alguém, o revisor Raimundo Silva torna-se autor de um texto subversivo, que propõe a reescrita do episódio do cerco de Lisboa sob uma perspectiva que indica a negação de ajuda aos portugueses, por parte dos cruzados. Nesse sentido, tal ação se mostra, também, responsável por uma inicial mudança de comportamento do próprio personagem, mas, por enquanto, como afirma o peculiar narrador,

> deixemos pois tranquilo este homem ainda não de todo preparado para ver, ele que de rever tem profissão, e que só ocasionalmente, por passageiro distúrbio psicológico, repara, e busquemos-lhe alguém que, não tanto por méritos próprios, aliás sempre discutíveis, como por uma espécie de predestinação adequada, possa tomar o seu lugar no relato naturalmente, tão naturalmente que depois venha a dizer-se, como se diz de uma evidência de coincidentes, que nasceram um para o outro. Porém, não é fácil. Uma coisa é tomar um homem e levá-lo a uma multidão, como em outros casos se assistiu, outra é buscar na multidão um homem e, não mais que por vê-lo, dizer, É este." (SARAMAGO, 1989, p. 166)

Desse modo, na narrativa "*escrever não é outra tentativa de destruição mas antes a tentativa de reconstruir tudo pelo lado de dentro* (...)"(SARAMAGO, 1985 *in* ARNAUT, 2008, p.59). Tal reconstrução conta com o olhar atento de um revisor-autor pronto para perambular pela "Lissibona *moura*" em busca de respostas, com o objetivo de *"(...) ver a cidade, Raimundo Silva quer ver a cidade, ainda não sabe para quê.*" (SARAMAGO, 1989, p.120). Nesse processo, o personagem, alguém ainda no processo de descobrir "*a diferença entre olhar e ver e entre ver e reparar.*" (SARAMAGO, 1989, p. 276), desmonta a cidade de Lisboa pedaço por pedaço e procura reconstruí-la numa

perspectiva outra. Assim, Raimundo Silva se transforma num homem em meio a multidões (BENJAMIN, 1991, p.45) que, ao flanar pelas ruas lisboetas, lê a cidade e a transforma em texto. Desse modo, remonta o flâneur benjaminiano, isto é, aquele cidadão do mundo que necessita de "espaço livre e não quer perder sua privacidade. Ocioso, caminha como uma personalidade (...)" (BENJAMIN, 1991, p.50). Assim,

> se o flâneur se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista. (BENJAMIN, 1991, p.38)

Nesse percurso de redescoberta de Lisboa - e de si, deambulando pelas camadas superpostas da cidade, Raimundo Silva se apaixona pela Dra. Maria Sara, a quem conhece no momento em que está a ser confrontado pelo supervisor Costa sobre o "não" inserido no texto da História do Cerco. O ato de rebeldia de Raimundo Silva desperta o interesse de Maria Sara, assim, ela será, principalmente, a responsável por instigar a curiosidade do revisor pela reescrita da cidade. Convencido a compor uma nova História do Cerco, Raimundo Silva cria personagens que se confundem com sua própria realidade - "*Como te chamas, perguntou Raimundo Silva a Ouroana, e ela respondeu, Maria Sara.*" (SARAMAGO, 1989, p. 265).

Nesse sentido, é possível perceber que a narrativa criada pelo revisor o liberta, ao dar a sua vida um novo propósito e por apresentar a si o amor. Aqui, ao lado do cerco histórico, outro cerco se forma, a saber, o amoroso, metaforizado tanto pelo real enlace de Maria Sara e Raimundo Silva, quanto por Ouroana e Mogueime, personagens da história criada pelo revisor e que surgem como extensão metonímica de sua relação com a Dra. Maria Sara. Assim, repare-se que o discurso amoroso também constrói um cerco dentro da narrativa, que é transposto quando, a partir da escrita, surge o enlace do casal, nesse sentido, pois *"(...) cada um de nós cerca o outro e é cercado por ele, queremos*

deitar abaixo os muros do outro e continuar com os nossos, o amor será não haver mais barreiras, o amor é o fim do cerco." (SARAMAGO, 1989, p. 301)

Assim, o que se percebe nesse entrelaçar de narrativas e de tempos, como afirma Renato Cordeiro Gomes, é que "*as experiências, ou melhor, as vivências do eu consistem numa sequência de rupturas e descontinuidades. O olho não mais sociável constata as diferenças e põe em dúvida a fusão com a cidade*" (GOMES, 1994, p.31). A revisitação da cidade de Lisboa, já agora, torna-se um projeto guiado não só pelo interesse em romper o cerco histórico, mas sobretudo por uma perspectiva amorosa. A cidade se desmonta, nesse sentido, diante dos olhos do leitor, para ser reconstruída a mercê do desejo, afinal, "*entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória.*" (CALVINO, 1991, pp.9-10). Desse modo, Maria Sara e Raimundo Silva flanam pela Lisboa atual em busca de uma cidade anterior, cuja a composição o revisor deseja remontar, portanto, "*cidade e escrita [estão] indissoluvelmente ligadas*" (GOMES, 1994, p.23). Assim, atravessados por um romance citadino, é interessante notar como Raimundo Silva se transforma, tal como a obra que cria, através do rompimento dos cercos que ele próprio havia criado em volta de si. Repare-se:

> Até breve, Raimundo, Não se demore, Que vai fazer quando desligarmos, Acampar em frente da Porta de Ferro e rezar à Virgem Santíssima para que os mouros não tenham a ideia de nos atacarem pela calada da noite, Está com medo, Tremo de pavor, Tanto, Antes de vir para esta guerra, eu era apenas um revisor sem outros maiores cuidados que traçar corretamente um deleatur para explicá-lo ao autor, Parece que há interferências na linha, O que se houve são os gritos dos mouros, ameaçando lá nas ameias, Tenhas cuidado consigo, Não vim de tão longe para morrer diante dos muros de Lisboa. (SARAMAGO, 1989, p. 223)

Nesse sentido, o livro se configura como um registro da cidade de Lisboa, em que *"a cidade construída pelo discurso possibilita visões diversas, leituras e interpretações que dependem do leitor*" (GOMES, 1994, p.23), ou ainda, como uma forma de "ver a

cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de experiências humanas" (GOMES, 1994, p.24). Desse modo, e nas palavras de Renato Cordeiro Gomes (1994, p.24), a "cidade torna-se um labirinto de ruas feitas de textos". Aqui, "é como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases. É esta dimensão que permite que o próprio espaço da cidade se encarregue de contar sua história." (ROLNIK, 1988, p.18).

A partir de um percurso enviesado pelos labirintos de Lisboa, vemos a construção de uma cidade-escrita em palimpsesto, pois, ao percorrer a história, sobressalta-se uma cidade em camadas, fundida entre passado e presente e, finalmente, relida, por um olhar enamorado. Nesse sentido, é possível perceber que Raimundo Silva relê e resignifica a cidade e, ao mesmo tempo, reescreve a si em uma narrativa que olha, ao passo que percebe algo de inquietante num passado distante; vê, a medida em que toma para si o propósito de deambular pela cidade, descortinar seus segredos e reformular sua composição; e, sobretudo, repara, pois rompe os cercos, da História, da escrita e do amor, permitindo a reconstrução da cidade e de si.

Referências Bibliográficas

ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Coimbra: Edições 70, 2008.

_____. *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo. Fios de Ariadne, Máscaras de Proteu*. Coimbra: Almedina, 2002, pp.198-218.

AZEVEDO, Ricardo Marques. *Metrópole: Abstração*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 2ª ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense,1991.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Prefácio de Eneida Maria de Souza. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

PINHEIRO, Magda. *Biografia de Lisboa*. 4ªed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Editora Caminho, 1989